

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1079
 GUIMARÃES, 21 de Setembro de 1952
 Redacção e Adm., L. da Rainha, 56-B Tel., 4919
 Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Males alarmantes

Designadamente em certas regiões do país, as respectivas populações encontram-se sob os efeitos do alastramento de dois males que estão a provocar justificados rumores de alarme em face da gravidade das suas consequências. Queremo-nos referir à expansão da febre aftosa no gado bovino, ovino, caprino e suíno e às proporções que recentemente tem atingido o número de intoxicações provenientes do consumo do bacalhau impróprio para esse efeito. Quanto ao primeiro caso, nenhuma dúvida temos em afirmar que os animais atingidos pela referida doença são para muitos lares a principal fonte de receita do seu minguado orçamento caseiro, razão por que a morte dos mesmos animais, por virtude da doença a que nos referimos, representa, em tais circunstâncias, prejuízos incalculáveis. Conhecemos, por acaso, algumas vítimas dessa infeliz emergência da vida económica de famílias que não chegam a ser remediadas e que, por isso, menos remediadas ficaram com os efeitos da doença em referência. Oxalá, portanto, que as competentes Autoridades procurem extinguir esse mal, não só as Autoridades Administrativas — proibindo a realização de feiras e mercados desses animais, o seu trânsito em manadas, etc., etc. — mas também as Autoridades sanitárias, dentro da área onde tiverem de agir, visto que, do contrário, iremos de mal para pior. Mas, pelo que temos lido, nesse sentido, continuam a ser tomadas as devidas precauções e, por nosso lado, fazemos votos para que sejam obtidos os melhores e mais rápidos resultados.

Acerca do bacalhau que alguns vendedores fornecem aos consumidores em condições de não ser próprio para a alimentação, constata-se que esse facto só poderá ser considerado como um crime de atentado contra a vida humana e, por conseguinte, sujeito às penalidades previstas na Lei. Segundo o que tem sido divulgado através de alguma imprensa, há terras nas quais o preço do bacalhau baixou e isso, a ser verdade, simplesmente poderá servir de prova para se demonstrar que quem assim tiver procedido não o deverá ter feito se não com a única intenção de se ver livre desse artigo e, dessa forma, impingi-lo ao consumidor por qualquer preço, uma vez que, para eventualidades de

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VIZELA

Está marcada para o próximo domingo, 28, a solene inauguração do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Vizela, acto que terá a abrilhantá-lo a presença de membros do Governo da Nação, aos quais a encantadora vila está preparando o mais carinhoso acolhimento. Outras altas individualidades civis, militares e eclesiásticas devem tomar parte nas solenidades a efectuar.

semelhante natureza, os que, porventura, assim tiverem procedido, deverão tê-lo feito com verdadeiro conhecimento de causa, isto é, porque vender ao público bacalhau podre, por qualquer preço, representa um negócio em que *«tudo o que render é lucro»*.

Não se lembra, quem assim procede, de que esse meio de conceder documento de livre trânsito para o outro mundo se encontra sujeito, por sua vez, a remeter para a cadeia o autor ou os autores de tal proeza. E dentro desta ordem de ideias, a Intendência Geral dos Abastecimentos e outras entidades não pouparão os delinquentes. Nós, pelo menos, estamos convencidos disso.

V. C. A.

Câmara Municipal

Na última sessão da Câmara Municipal foi apresentada, merecendo aprovação por unanimidade, a seguinte proposta do Vereador sr. Dr. Carlos Saraiva:

- 1.º — Substituição dos candieiros antigos e melhor distribuição dos mesmos no Largo da Condessa do Juncal e Rua Dr. Avelino Germano, até à Rua da Rainha;
- 2.º — O arranjo imediato do Largo Conselheiro João Franco quanto a pavimentação e iluminação e conclusão do monumento àquele Estadista;
- 3.º — Alargamento do perímetro da Cidade;
- 4.º — Fazer regressar ao Município as artérias da Cidade actualmente na posse da Junta Autónoma das Estradas, dentro do referido perímetro.

Plano de Actividades da Câmara Municipal para 1953

Ao Conselho Municipal, que o aprovou depois de alguma discussão, foi apresentado, no dia 15, em sessão ordinária do referido Conselho, o Plano de Actividades da Câmara Municipal de Guimarães para o ano de 1953, que a seguir reproduzimos para conhecimento público:

É para mim extremamente grato saudar os ilustres membros do Conselho Municipal e manifestar-lhes os meus agradecimentos pela dedicada colaboração que vêm prestando à Câmara.

O Código Administrativo pelo artigo 29.º e seu § 3.º determina que o Presidente da Câmara convide nesta altura o Conselho Municipal para em reunião ordinária discutir o plano de actividades e bases do orçamento ordinário para o ano imediato, elaborado de acordo com a Vereação, conforme estipula o artigo 77.º — n.º 4.

Dando assim cumprimento a essa determinação legal, tenho a honra de submeter à apreciação de Vossas Excelências o plano de actividades e bases do orçamento ordinário que orientarão os trabalhos da Câmara durante o ano de 1953. Este plano deverá ser dividido em duas partes:

1.º — O prosseguimento de execução de obras já previstas no plano elaborado para o ano de 1952, cujo início dependia da sua comparticipação pelo Estado.

2.º — Novos melhoramentos a iniciar no próximo ano, tendo sido pedida, para aquelas em que era possível a comparticipação financeira do Estado.

Devo confessar que alguma demora houve no início de certas obras, mas este atraso é explicado pela reduzida eficiência da Repartição de Obras em parte justificada pela falta de pessoal e pela Inspecção Administrativa em serviço nesta Câmara durante alguns meses que distraiu bastante tempo o pessoal no fornecimento de elementos pedidos em grande número.

A Câmara tem procurado, dentro das suas forças, servir a cidade e o seu vasto concelho o melhor que tem podido, procurando resolver as suas mais urgentes necessidades.

A obra do abastecimento de água à cidade — 2.ª fase — que consiste na construção da rede de distribuição, rede domiciliária e bocas

de incêndio, tem merecido especial atenção, tomando ultimamente um maior incremento em virtude de se ter conseguido que a Caixa Geral de Depósitos concedesse um empréstimo de dois mil contos, dentro do empréstimo de quatro mil contos há tempos autorizado pelo Conselho Municipal e por Sua Excelência o Senhor Ministro das Finanças.

Após a conclusão deste importante melhoramento deve seguir-se a rede de esgotos tão necessária e cujo «estudo prévio» já foi aprovado em 11 de Março passado.

O tão falado e desejado antepiano de urbanização da cidade sofreu agora um grande impulso com a apreciação do Conselho Superior de Obras Públicas que lhe propôs largas alterações, a maior parte já proposta pela Comissão que fez a apreciação do plano a convite da Câmara e aprovada por esta e pelo digno Conselho Municipal, o que foi homologado por Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas no seu despacho.

- Obras Urbanas (em curso)** —
- 1) Rede de distribuição de abastecimento de água (comparticipado), 2.000.000\$00;
 - 2) Conclusão do Mercado Municipal (comparticipado), 570.000\$00;
 - 3) Construção do Bairro de 38 moradias para as classes pobres (compart.), 750.000\$00;
 - 4) Alargamento da Rua Padre Gaspar Roriz — expropriação de terrenos, 100.000\$00;
 - 5) Fonte Monumental no Toural, 100.000\$00;
 - 6) Monumento a Alberto Sampaio, 150.000\$00;
 - 7) Busto do Ab. de Tagilde, 45.000\$00;
 - 8) Construção de retretes públicas, 35.000\$00;
 - 9) Conclusão da pavimentação do Bairro de Casas de Renda Económica da Federação (comparticipado), 40.000\$00. Soma, 3.770.000\$00.

- Obras Urbanas (a iniciar)** —
- 10) Construção de edifícios nos gavetos das Avenidas de Alberto Sampaio, Combatentes da Grande Guerra e Cônego Gaspar Estação, conforme a deliberação da Câmara de 28 de Novembro de 1951 e em cumprimento da Portaria de 30 de Abril de 1952, que cria a zona de protecção dos Paços dos Duques de Bragança e ainda conforme a sugestão do Conselho Superior das Obras Públicas, 600.000\$00;
 - 11) Campo de Jogos — Aquisição de terreno e início das obras, 300.000\$00;
 - 12) Construção da Rua da Praceta Guilherme de Faria à Rua do Dr. José Sampaio, 50.000\$00;
 - 13) Continuação da Rua do Dr. Joaquim de Meira, 50.000\$00;
 - 14) Arranjo do Largo Conselheiro João Franco, 50.000\$00;
 - 15) Central de camionagem, 200.000\$00;
 - 16) Pavimentação da Rua da Madraça ao Castanheiro, 300.000\$00;
 - 17) Rede de esgotos — Projecto, 50.000\$00. Soma, 1.600.000\$00.

Vila de Vizela — Ajardinamento e abertura de duas ruas no Prado (comparticipado), 100.000\$00; Construção de um pontão sobre o caminho de ferro na Avenida do Hospital (comparticipado), 250.000\$00; Sede da Junta de Turismo (comparticipado), 50.000\$00; Mercado do Peixe, 20.000\$00; Urbanização da Rua de D. Ana de Sá, 30.000\$00. Soma, 450.000\$00.

Vila das Taipas — Arranjo do Balneario de 1.ª Classe (em regime de comparticipação), 30.000\$00; Bairro para as classes pobres, 20.000\$00. Soma, 50.000\$00.

Pevidém — Abastecimento de água — Estudo, 50.000\$00; Plano de urbanização — Estudo, 20.000\$00; Reparação de pavimento de ruas e largos, 30.000\$00; Quartel da Guarda N. Republicana, 100.000\$00. Soma, 200.000\$00.

Estradas Municipais — Estrada de Mor. de Cônegos, 100.000\$00; Ramal da Estrada Municipal n.º 15 a Gondar, 50.000\$00. Soma, 150.000\$00.

Tipografia IDEAL

Rua da Rainha, 56

Execução perfeita de todos os trabalhos

Velando e zelando um Monumento

Recorde-se: Foi a extinta Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães quem erigiu o monumento ao Gravador Molarinho. Aquilo que aí se vê, não custou ao Município um centavo! Bastaria esta singular circunstância para que os críticos que teve este monumento fossem um pouco mais recatados, se não mais benévolos nas suas críticas.

O Autor do projecto, — não é demais recordá-lo — também não levou um centavo pelo seu trabalho. Iguamente este facto, que estava no conhecimento dos tais críticos, lhes devia de merecer consideração.

Isto é: Quando houvessem de, em imagem de pitoresco, chamar «tronco de ferrador» ao monumento, não deviam esquecer-se — que o seu Autor foi cingido ao aperto de um orçamento, sem margem para largos voos de inspiração.

Tomadas em boa conta estas reservas, o resto estaria certo. Sim, porque, quem o monumento na praça alevantou, a muito se aventurou!

Certas críticas, porque são anónimas, correm à solta — desbocadamente.

Não há, em certos *diteiros*, relogo na lingua. Falam de tudo. De tudo falam mal. Na realidade, são uns nulos.

Gozam e glosam esses *fabricantes* de críticas, o sucesso de uma frase. Ainda que dos seus efeitos contudentes resultem feridas, é-lhes isso indiferente.

Estamos, porém, agora, — agora que o monumento foi mudado — diante de outro efeito. As linhas do monumento são as mesmas? Não tinham que mudar? E só porque o monumento se ajeitou a novo sítio, dentro do mesmo Largo, já nos parece outro. Para melhor.

Que diz agora a crítica? Um «assinante» deste jornal mandou-lhe o seu parecer nestas simples linhas:

«... se encontra agora em lugar mais apropriado.»

De acordo. Também assim penso. O Autor é de igual parecer. Ganhou o monumento com a sua mudança de lugar. Quem entra no Largo, de face ao monumento, logo o defronta. A própria configuração do Largo, porque é naquela face mais limitada, deu ao monumento outro vulto.

O actual arranjo do Largo, na sua placa central e moldura, enriqueceu o lugar.

Para que se complete o conjunto, só resta dispor alguns bancos à sombra protectora das frondosas árvores que guarnecem o Largo.

Também o «assinante» em referência alude ao espectáculo de haver quem faça «mesa de refeição», da base do monumento, abancando ali.

O reparo está posto em justos termos. Mas, pior que isso, bem mais afrontoso, é que o rapazio suje e jogue detritos contra o monumento.

Ainda há dias, acompanhado pelo Escultor António de Azevedo, deparamos com a veraniega de Molarinho manchada de cal. Junto do monumento brincavam uns rapazinhos. Chamei-lhes a atenção para o feio cometimento de haver

quem suje um monumento. E os rapazinhos contritos — talvez inocentes do delicto — ajudaram-nos a limpar a mancha de cal.

Este agravo, em verdade, é mais grave que fazerem da base do monumento «mesa de refeição» e banco de assento. Esta prática denota, simplesmente, falta de bancos no mosaico Largo.

Importa, pois, que estes bancos ali se façam. Não, bancos susceptíveis de serem estragados, em pouco tempo; mas que estes possam resistir às malfetorias dos... bárbaros.

Entretanto, oíçam o Escultor António de Azevedo. Ele dará outras indicações úteis, que convém atender.

A noite, a incidência da luz pública sobre o monumento faz destacar o medalhão de mestre Teixeira Lopes.

Agrada-me, em resumo, o cuidado posto pelo Município na mutação do monumento ao Gravador Molarinho.

E, porque se fala de luz, sugere-se a ideia de fazer trepar uma roseira pela coluna central da iluminação. Também não se olvide um fundo de verdura no monumento.

Pequenas nadas? Para obter, às vezes, grandes efeitos cenográficos.

Molarinho, que foi um Artista vimaranense, merece bem os nossos cuidados no arranjo à moldura do seu monumento.

A. L. DE CARVALHO.

Já, vindimas?!...

Já se ouve nos campos a alegre labuta das vindimas. Nos lagares o vinho já fermenta e em breve temos vinho novo.

Mas como será esse vinho, meu Deus? Se as uvas não estão ainda completamente maduras, que qualidade terá o seu sumo? Não mais do que vinho verde de uvas verdes!... Em vez do saboroso e inigualável vinho verde, um líquido agro, de cor aguada, uma zurrapa intragável!

Não é colhendo as uvas meias maduras que se defende o bom nome deste afamado vinho nem se consegue a sua valorização.

Bem sabemos que o lavrador acoçado pelos roubos de que impunemente é vítima, procura diminuir os prejuízos daí resultantes, vindimando mais cedo, mas a qualidade e o bom nome do vinho regional perde-se por esta forma de proceder.

Para evitar estas consequências existem duas soluções: ou se reprimem os roubos ou se proíbe a venda desse vinho. A primeira solução é esperada impacientemente pelo lavrador; a segunda, seria desejável se a primeira fosse resolvida.

A proibição da venda de vinhos que não possuíssem as qualidades essenciais, tais como o produto de uvas convenientemente maduras e a pureza e inalterabilidade da sua origem, era grande serviço prestado à vinicultura e principalmente à saúde pública, como hoje se procede ao inutilizar o bacalhau impróprio para consumo.

Que o digam os médicos,

O MEU FILHO

Quando o vejo no berço pequenino
 A sorrir para mim com o brinquedo
 Que a mãe lhe deu e que ele muito a medo
 Aconchega ao seu peito de bambino...

Quando o vejo traquinar muito cedo
 Ou quando de manhã imita o sino,
 Quando vejo chorar o meu menino
 Quando o tenho no colo muito quedo...

Quando o vejo p'la casa em correria
 Ou quando faz beicinha e gritaria
 Esse anjo, loiro e belo querubim,

E' como se estivesse a ver e a ouvir
 A vida que renasce, que há-de vir
 — E' como se estivesse a olhar pra mim.

... Quando vai comigo às vezes passear,
 Ao mostrar-lhe a cidade, o movimento,
 Acho-lhe graça à forma de indagar
 E se não lhe respondo olha-me atento.

De tudo quer saber, quer desvendar
 — E quem fez isto e aquilo e com que intento...
 — Porquê os automóveis sempre andar...
 E não deixa as perguntas um momento.

Quando crescer's, meu filho, hás-de saber
 A causa do que agora te deslumbra,
 O que é o mundo, esta luta — um turbilhão.

Poderás nessa altura compreender
 Quantos sonhos se perdem na penumbra
 E quantas ilusões no coração!

Guimarães, 1962

(Do «Cadências de um instante», a publicar)

SOUSA MACHADO.

UM PROTESTO JUSTO

Um nosso amigo, vimaranense e leitor do nosso jornal, escreveu-nos uma extensa carta, relatando, pormenoradamente, um caso a que assistiu, há dias, na nossa Estância da Penha, no qual tomou papel preponderante, de inconveniente e incorrecto servidor de uma instituição religiosa — queremos referir-nos à Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha — o indivíduo que está a desempenhar, ao que parece, muito mal, as funções de guarda e sacristão do Santuário Eucarístico.

Sem a menor noção do lugar que ocupa, nem sombra de educação e respeito pelos visitantes daquele mirante da nossa Terra, impediu, por maneira grosseira, iamos a dizer estúpida, a entrada no Santuário a umas meninas, acompanhadas por seus Pais que, a conselho de pessoa amiga, subiram naquele fim de tarde à nossa Penha, para admirar a paisagem e as suas belezas. Sabemos que o assunto foi levado ao conhecimento de alguns dos membros da Irmandade e por isso esperamos que sejam tomadas as providências que o caso requer, para que se evite, desse modo, a sua repetição.

E nisso confiados, deixamos de dar publicação à carta que nos foi enviada e que contém um indignado protesto com o qual nos solidarizamos.

Ainda o Congresso dos Bombeiros

Na quarta-feira estiveram em Braga, no Paço Arquiepiscopal os srs. dr. João Mota Prego de Faria, Presidente da Ass. H. dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, dr. Adelino Jorge e Antonino Dias de Castro, a agradecer ao Senhor Arcebispo Primaz o ter-se S. Ex.ª Rev.ª dignado vir celebrar a Missa Campal por ocasião do Congresso Nacional dos Bombeiros, levado a efeito nesta cidade com tanto esplendor.

autoridades incontestáveis neste assunto, qual o efeito que pode ter na saúde do consumidor o beber vinho com acidez excessiva (vinho de uvas verdes), com a mistura de corantes que lhe aplicam para o despertar, com a junção de vinhos voltados para o efeito de venda e outras mais repelentes manigâncias que para aí se fazem! E ao sabermos pelo depoimento dos médicos os seus efeitos, talvez que a repulsa pelo bacalhau envenenador se virasse para os adulteradores do vinho. A propósito, lembramos ao leitor, se é apreciador de vinho doce, que tenha cuidado, pois que a quantidade de sulfatações que este ano foram aplicadas e ainda as doses excessivas que alguns proprietários levanamente empregaram perto das vindimas, podem originar-lhe graves consequências. O vinho desta colheita deve só ser consumido quando parar de fermentar. Antes não.

Sou proprietário e viticultor e nesta condição apelo para que a Justiça afivele bem aos seus olhos a venda, símbolo da sua integridade, para assim sentenciar com todo o rigor todos que caíam na sua alçada, sem olhar a classe, fortuna ou posição, até que a honestidade e o amor do próximo de novo se implante no seio das desvaídas gentes de hoje, em que a ambição do enriquecimento rápido os impede de seguir o caminho da saúde e o bem estar de todos depender das circunstâncias que apontamos.

A. F. J.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Hoje, não lhe ofereço apenas palavrado meu, mas também uma transcrição da secção do «Diário de Notícias» — *Idéias e Figuras* — da autoria do distinto jornalista sr. dr. João Ameal e onde insere substanciais conceitos sobre o tema «Vida breve, Vida longa...», apresentando-nos como base das suas interessantes considerações a diferença de ambiente entre a vida agitada da cidade e aquela que se passa em mais íntimo contacto com a natureza.

Recorda-nos as agradáveis e belas imagens de cenários familiares no seio da mesma, das quais, sobretudo para aqueles que, como eu, passaram a sua infância a contemplar os seus mistérios e os seus prodígios na pacatez de uma modesta aldeia, há sempre as mais gratas e mais significativas recordações.

Mas, minha Senhora, como já estou a fugir do que lhe anunciei no princípio desta carta, aqui tem a referida transcrição, digna, com certeza, da melhor atenção de V. Ex.ª:

Vida breve, Vida longa...

Quando se abandona a atmosfera agitada e superficial da cidade e se retoma contacto com a Natureza, na sua simplicidade e na sua força — sentimo-nos bruscamente diante do mistério da brevidade e da duração da vida. Ainda mais quando nos vemos de novo em cenários familiares, onde renascem longínquas imagens, sombras diluídas, períodos ultrapassados...

O mistério rodeia-nos, solicita-nos, domina-nos: vida breve? Vida longa? Vida breve, sem dúvida, a nossa; vida longa, a dos montes e das florestas que nos cercam...

Enquanto, em redor, tudo se conserva idêntico, tudo se mostra duradouro e renovado — bem sabemos que em nós se gasta qualquer coisa que não volta e não se renova. Correm dias, meses, décadas: — para estes campos verdes que os olhos mal abarcam, que, através das estações, desenrolam o ciclo normal das suas fases e oferecem as mesmas germinações e as mesmas colheitas; para estes arvoredos que, ano a ano, se cobrem de folhas novas e já delas começam a despojar-se, mas outra vez de folhas novas hão-de cobrir-se na Primavera que virá — o tempo não é mais do que uma série de mortes e de resurreições. Para nós, é caminhada inexorável em direcção ao fim certo — e, quer esse fim esteja próximo ou distante, marca um declínio gradual de energias, de possibilidades, de facultades. Não passa apenas fora de nós, o tempo; em nós o sentimos passar. E sentimos, dolorosamente, que passamos com ele — e não tornaremos a ser o que fomos, nem sequer o que ainda somos agora...

Vida breve? Vida longa? Longa — pelo menos relativamente à nossa, a vida da paisagem que nos rodeia e que tão pouco mudou enquanto mudávamos tanto. Breve, decerto, a rápida aparição do nosso vulto efémero entre estas serenas testemunhas de estabilidade e de permanência...

E, no entanto, o mistério maior é ser-nos possível, apesar de tudo, acompanhar e compreender — efémero embora — aquilo que durou e durará, antes e depois de nós. Renovam-se as árvores e as searas — e não sabem que se renovam, nem que hão-de renovar-se mais adiante. Nenhuma consciência do passado e do futuro. Apenas o presente. Falta-lhes a perspectiva interior, que nos atormenta mas que nos exalta e transcende.

...E não haverá mais profunda e humana riqueza na consciente vida breve que vivemos — do que na inconsciente vida longa da Natureza sempre igual, sem memória e sem esperança?...

Como vê, trata-se de conceitos que se adaptam à vida de muitas pessoas, embora de um modo especial à daquelas que em determinada época do ano se deslocam da cidade para o campo e muitas vezes para um local onde a saudade germina, se alimenta e cresce em consequência de vários episódios da vida. Mas, minha Senhora, nada mais nada menos do que aquilo que se mantém à volta da *Vida breve* e da *Vida longa*! Uma e outra, com as suas características próprias, são a imagem real de tudo o que se passa no Universo. E nada mais, minha Senhora.

De V. Ex.ª

Cd.º Ven.º e Ogb.º

Setembro de 1952.

X.

Caixa G. de Depósitos

Está aberto concurso para admissão de aspirantes estagiários. Os candidatos devem ter idade não inferior a 18 anos nem superior a 25 já completos na data do encer-

A Peregrinação à Penha

reuniu muitos milhares de pessoas

Realizou-se no domingo como estava anunciado e na forma dos demais anos, com grande imponência, a Peregrinação Anual em honra de Nossa Senhora da Penha, tendo-se incorporado no préstito religioso que de manhã atravessou as ruas da cidade, depois do acto da Bênção que o Rev.º Senhor Arcebispo Primaz lançou aos peregrinos, alguns milhares de pessoas de diversas freguesias do concelho.

Os escutas, as crianças das cruzadas e os componentes das diversas confrarias e outras associações religiosas, empunhando os seus estandartes e cantando e rezando com fervor formavam um cortejo bastante extenso, seguindo na cauda do mesmo S. Ex.ª Rev.ª os Senhores Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior, e Bispo da Guarda, D. Domingos Gonçalves. Seguiam igualmente o Presidente da Câmara Municipal, Juiz da Irmandade da Penha, Autoridades locais e outras pessoas de representação.

Na Penha muitos milhares de pessoas aguardaram a chegada da Peregrinação, que foi anunciada por salvas de morteiros, havendo logo após e na frente do Santuário Eucarístico a Missa Campal com alocução pelo Senhor Bispo da Guarda, que proferiu vibrante saudação aos Peregrinos.

Muitas crianças das cruzadas, intérpretes do sentimento

SERÃO DE SAUDADE

Um grupo de antigas alunas das Escolas Primárias Centrais, desta cidade, que, há mais de um quarto de século, levaram à cena no Teatro D. Afonso Henriques a peça «Auto das Flores», da autoria do ilustre vimaranense ex.º sr. A. L. de Carvalho, vai realizar, em princípios de Novembro próximo, no Restaurante do Teatro Jordão, uma Ceia de confraternização e de homenagem ao autor daquele formosíssimo auto.

No final serão exibidos alguns números da consagrada peça por parte do elenco que então a interpretou, sendo entregue ao distinto publicista uma mensagem em pergaminho que ficará a recordar para sempre aquela noite de amor e saudade.

Todas as alunas e alunos, companheiros, naquele tempo, dos bancos daquela escola primária e respectivos professores que desejem inscrever-se para este fim, podem desde já dirigir a sua adesão para a secção «Auto das Flores» - Notícias de Guimarães», a fim de serem formadas definitivamente as comissões que hão-de levar a efeito esta festa que se nos afigura emocionante e encantadora.

Vende-se *Novilho turino inteiro de raça holandesa, de 20 meses de idade, desenvolvimento extraordinário. Falar com António Teixeira — Burgo — Pombeiro, Felgueiras.*

ramento do concurso — 18 de Outubro p. f. — tendo como habilitações pelo menos o exame do curso geral dos Liceus (6.º ano da organização anterior ou 5.º do actual) ou o curso complementar de comércio.

Os interessados podem dirigir-se à Agência da Caixa Geral de Depósitos, nesta cidade.

das diversas freguesias, ofereceram alfaías para o Santuário, prestando desse modo homenagem a Pio X — o Papa da Eucaristia.

A tarde e no mesmo recinto houve recitação do Terço e Bênção do Santíssimo Sacramento, terminando aquela jornada de fé com a Procissão Eucarística em volta do Santuário.

* * *

Entre os donativos oferecidos no dia da Peregrinação, para o Santuário, destacaram-se os seguintes objectos do culto:

Um Pálio, uma Umbela, uma Toalha de linho para o altar, uma Casula verde, um Cális, uma peça de linho, uma Casula vermelha e um véu de ombros, uma Casula branca, 3 alvas, 6 peças de castiçais com velas automáticas, Tulipas de cristal e cruz para a banquete, um baldaquino, etc.. Foram oferecidos vários donativos em dinheiro para as obras do escadório e para a compra de alfaías.

O Teatro do Povo

realizou em Guimarães

DOIS BELOS ESPECTÁCULOS

Fez na sexta-feira à noite a sua estreia nesta cidade o Teatro do Povo, apresentado pelo Secretariado Nacional de Informação, que proporcionou aos milhares de pessoas de todas as categorias sociais, que ali acorreram, algumas horas de agradável passatempo e de verdadeiro encantamento espiritual.

O vasto Campo de S. Mamede foi o local escolhido para a realização dos espectáculos aqui levados a efeito pelo Teatro do Povo, e temos de reconhecer que a escolha foi acertada, não só pela amplitude do terreno, mas ainda por as representações terem como fundo majestoso o venerando Castelo da Fundação.

Ao espectáculo de sexta-feira, além de inúmero povo, assistiram os srs. dr. António Pinheiro Torres, Chefe da Delegação do Norte do S. N. I. e dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

Foram representadas: «Farsa do Juiz da Beira», um acto admirável de Gil Vicente e «Dom Duardos», tragicomédia, em duas partes, também de Gil Vicente, versão portuguesa de A. Lopes Ribeiro.

Tanto a encenação como o desempenho e ainda o guarda-roupa apresentado foram de molde a deixar a melhor impressão e a merecer os mais calorosos aplausos. Principalmente em «Dom Duardos», peça encantadora e dum lirismo admirável, o desempenho, sobretudo por parte dos principais personagens, subiu alto, sendo também causa de admiração o vistoso guarda-roupa.

Ontem à noite foram postos em cena as peças: «Castro», tragédia em cinco actos, de António Ferreira, e «Traído Imaginário» de Molière, que tiveram a presença dos maiores número ainda de milhares de pessoas.

O espectáculo agradou, sendo os intérpretes muito aplaudidos.

Está de parabéns o S. N. I. por estas excelentes manifestações de cultura popular.

VENDE-SE

Moagem com casal de mós de 1,10 e motor a gásóleo de 8 H. P. — Falar na Rua da Boavista, n.º 20, em Braga.

A propósito de uma notícia

Não está certo!

Sou contrário a questões não só pelo que têm de repelente mas ainda pelo efeito que, regra geral, produzem.

Embora o assunto em nada me diga respeito, a não ser na parte que me cabe como torcatense que amo a terra onde ensaiei os primeiros passos e balbuciei as primeiras palavras, não posso ficar indiferente ou impassível perante uma notícia publicada no jornal «S. Torcato», do mês de Agosto findo, que fere o brio, a sensibilidade e a honra dos habitantes desta freguesia.

O caso passou-se numa pequena romaria que anualmente se realiza numa freguesia a curta distância de S. Torcato e, porque não estive presente, procurei indagar o que tinha havido.

Pessoas fidedignas informaram-me que o incidente foi originado por Alguém que, com grandes responsabilidades sociais, cívicas e educativas, se permitiu, em atitude abusiva e nada recomendável, «mimosear» um grupo de pessoas das várias freguesias vizinhas que ali havia formado uma dança — daquelas danças que fazem parte da índole do nosso povo e que não têm maldade alguma a não ser aquela que, por costumeira e vontade de bater na mesma tecla, lhe querem atribuir.

Se assim não fôra, o decore e a moral poderiam exigir determinadas atitudes, muito embora condicionadas e prudentes.

Mas não é o caso. A dança que se estava presenciando — como todas as danças das romarias do Minho — não ofendia ninguém e mais não era do que o reflexo da alegria que invade o nosso povo e o leva a procurar esquecer as angústias ou as canseiras do trabalho e da vida quotidiana.

Ora a local inserta no referido jornal diz que a responsabilidade foi toda dos de S. Torcato e que não se esperou a crítica mordente, tenaz e decisiva: «Oh! logo vi que eram os de S. Torcato, não podiam ser outros».

Isto merece repulsa porque nem a responsabilidade cabe aos de S. Torcato nem os mesmos são merecedores de comentários desta natureza.

Quem ficaria insensível — mórmente as pessoas de família que ali estavam presentes — ao ver chicotear, sem motivo, aquelas pessoas?!

Por que se molestou essa gente? Apenas por que esse Alguém, num momento de fraqueza e leviandade, entendeu que não devia autorizar a dançar em pleno terreiro.

Há alguma lei que proíba a dança honesta e característica do nosso povo nas romarias?

Não conheço.

Por isso, pergunto: Quem foi o verdadeiro culpado?

Não foram os de S. Torcato como erroneamente se afirma mas, única e simplesmente, essa pessoa que enveredou por caminho tortuoso.

A reacção não se fez esperar, os comentários e desabaços logo tomaram proporções, e, a meu ver, as coisas correram muito bem por não se ter chegado a «vias de facto», sendo, todavia, de louvar todos os que procuraram evitar que isso se desse.

Quanto à infeliz expressão: «Logo vi que eram os de S. Torcato, não podiam ser outros», devo dizer que é preciso muito cuidado com o que se diz ou escreve mas mais ainda com o que se escreve.

Verba transeunt; cripta manent (as palavras passam; os escritos permanecem).

O jornal «S. Torcato» é enviado para muitas terras do país e, consequentemente, lido por muita gente.

Bastaria uma afirmação pública desta natureza para merecer a censura de quantos se julgam ofendidos por ela.

Porém, tendo sido escrita e susceptível de ser conhecida por muitas centenas de pessoas, a gravidade é bastante maior.

Coisas assim nunca se deviam publicar porque são contraproducentes.

A imprudência do autor da publicação levou-o a esquecer-se de que não se distinguia ninguém e aquela maldadada expressão «não podiam ser outros» não só ofende implicitamente todos os torcatenses mas também dá a impressão de que em S. Torcato há apenas malfiteiros.

Em S. Torcato, como em todas as terras, há gente boa, medíocre e má.

Mas talvez os medíocres e alguns maus devam os seus principais defeitos ao facto de não terem, nestes últimos decénios, quem lhes apontasse com carinho, com edificante exemplo, com doutrina construtiva e isenta de vilipêndios, ditos julgados chistosos, afrontas maldosas ou enleadas de orgulho, jactâncias, improperios e aleivosias, o caminho dum linha recta, a integridade e lealdade que deve nortear os nossos actos, a humildade, ponderação e sensatez que deve orientar o nosso pensamento.

Numa freguesia há pessoas com grandes responsabilidades na educação do povo.

Não é insultando, espezinhando ou simplesmente fazendo alarido de coisas torpes que se conduz alguém ao bom caminho.

E' bem certo que com vinagre não se costumam caçar moscas. Procure-se construir em vez de desmornar; elevar em vez de derrotar.

Os torcatenses sabem proceder com elevação, apurmo, lhanza e galhardia e disto deram sobejas provas ainda há pouco por ocasião da comemoração do 1.º centenário da trasladação de S. Torcato e da Romaria Grande.

Estão em causa dois grandes empreendimentos que exigem a conjugação de esforços, a amalgama de classes, o aproveitamento de ideais nobres, solidários e sublimes: a conclusão do grandioso templo de S. Torcato e o êxito de uma subscrição pública para se edificar uma residência paroquial, aliás há muito necessária.

Sei que a notícia a que me refiro causou profundo descontentamento, abriu lacunas e originou acerbas críticas.

E' pena e entendo que é mister arripiar caminho.

Por outro lado, é preciso não esquecer também que o jornal é propriedade da Irmandade de S. Torcato e esta não deve estar disposta a transformá-lo numa folha que mais pareça um pasquim ou coisa semelhante.

Não está certo, repito, e é preciso mais prudência.

Não pretendo louvar uns mas muito menos posso dar razão a outros.

S. Torcato, 5-9-52.

ARTUR MARTINS DA SILVA.

Doutor

António Luís Gomes

Muito sincera, respeitosa e comovidamente nos associamos à homenagem prestada hoje ao Ex.º Doutor António Luís Gomes no que ela traduz e significa como apreço e reconhecimento a uma inteligência doura e a um carácter digno. E ainda no que nela se possa conter de saudosa evocação das prestigiosas figuras, dos patriotas devotos e eminentes que deram a vida, intensa e abnegadamente, pelo são ressurgimento da alma nacional. Como eles, o Doutor António Luís Gomes, dotado de vivo talento e de uma sólida educação, não fez da sua cultura brilhante nem uma aristocracia de arrogâncias literárias ou científicas, nem uma arlequinada de bisantinices e preciosismos. Curvado sobre o problema humano, seguiu, fiel e seguro, pelo caminho da democracia, aquele mesmo por onde, desde a velha Grécia, seguem os que verdadeiramente procuram estudá-lo, examiná-lo e procurou, consoante as idades, resolvê-lo. Em sua vida só teve um salário — o de fazer bem, e só procurou uma riqueza — a da virtude. Mas honrou nobremente o magistério cívico que exerceu em vida exemplar.

O PROGRESSO de Famalicão

A poucos passos de Guimarães, a encantadora Vila de Famalicão, um próspero concelho que encontrou no seu actual Presidente do Município um precioso elemento para o engrandecimento da região, estará hoje em Festa, por motivo da inauguração de muitos e importantes melhoramentos, em que avultam o Mercado Municipal e o Parque de Jogos.

A este acontecimento, verdadeiro acontecimento que bem justifica os merecidos louvores ao Presidente da Câmara de Famalicão e ao Concelho, que está de parabéns, nos referiremos, devendo, por hoje, agradecer reconhecidamente a atenção dos convites recebidos.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
No dia 22, mademoiselle Maria da Conceição Alves Bastos; no dia 23, do nosso amigo sr. João Saraiva de Carvalho Brandão; no dia 24, os nossos bons amigos srs. António Guise, Sebastião Teixeira de Aguiar e Avelino Ferreira Melreles; no dia 25, mademoiselle Maria da Conceição Dias de Castro Fernandes; no dia 26, a sr.ª D. Maria Joaquina Pinto Dias de Castro e a menina Maria da Piedade de Carvalho Melo; no dia 27, os nossos prezados amigos srs. João Teixeira de Aguiar, José Machado Teixeira e J. Diamantino de Sousa Santos; no dia 28, o nosso prezado amigo sr. João Gualdino Pereira.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Dr. Nuno Simões — Com sua esposa regressou das Pedras Salgadas a Lisboa, o nosso querido amigo e distinto Economista sr. dr. Nuno Simões.

Tem estado nas suas propriedades de S. Torcato o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e sua esposa.

— Regressou, com sua família, da Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

— A uso de águas partiu para Carvalhos (Boticas) a sr.ª D. Beatriz da Silva Machado Teixeira, esposa do nosso bom amigo sr. José Machado Teixeira.

— Regressou de Caldelas a Moreira de Cónegos o nosso prezado

amigo sr. Isaac Ferreira de Oliveira Guimarães.

— Encontram-se a veranejar na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos srs. Luís Gonzaga F. de Carvalho, Augusto Aguiar, Francisco Ribeiro Pinto, Augusto Mendes, Artur Fernandes de Freitas, Manuel Cardoso do Vale e Casimiro Fernandes.

— Regressou, com sua família, da mesma praia, o nosso prezado camarada e amigo sr. J. Gualberto de Freitas.

— Regressou, da Curia o nosso prezado amigo sr. Francisco Pereira da Silva Quintas.

— Tem estado com sua família nas suas propriedades das Pedras Alveiras, próximo desta cidade, o nosso prezado amigo sr. dr. António Pauli, cirurgião no Porto.

— Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta cidade, os nossos bons amigos srs. eng.º Adelino Soares Leite, Amaro Canto, distinto oficial da Armada, eng.º António de Sousa e Gaspar Almeida, de S. Nicolau; tenente Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto e rev. dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

— Têm estado, com suas famílias, nas suas propriedades de Fafe e de Santa Leocádia de Briteiros, os nossos bons amigos srs. tenente Alvaro Martins de Campos e Manuel Joaquim Pareira de Carvalho.

— De regresso dos Açores, onde foi de visita a seu tio, rev. Francisco Fernandes da Silva, encontra-se nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo rev. António Alexandre Ferreira de Melo.

— Tem estado, com sua esposa, em Carvalhos (Boticas), o nosso prezado amigo sr. Adérito Fernandes de Oliveira Guimarães, residente em Braga.

— Regressaram do estrangeiro os nossos prezados amigos e distintos clínicos srs. drs. João António de Almeida e João Afonso de Almeida.

— Tem estado nas suas propriedades de S. Martinho do Conde o nosso bom amigo sr. José Pinto Pereira de Oliveira.

— Regressa amanhã de Lisboa, com sua esposa, o nosso bom amigo sr. dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

— Esteve nesta cidade de visita

a sua família o nosso prezado amigo sr. Aníbal de Magalhães Machado.

— Também aqui cumprimentamos o nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Paulo, de Felgueiras.

— Com sua família tem estado a veranejar na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Francisco Machado.

— Regressou à sua casa do Bairro (Famalicão), o nosso prezado amigo sr. Carlos da Silva Pereira.

— Da Póvoa de Varzim regressou com sua família a Gondomar o nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim Fernandes.

— Partiu há dias para Angola onde vai desenvolver a sua actividade comercial o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Aníbal de Magalhães Machado, que residia em S. Gabriel (Beira Baixa). Desejamos-lhe boa viagem e prosperidades.

— Regressou da Póvoa com sua família a sr.ª D. Augusta Maciel de Sousa.

— Partiu com sua família, para as suas propriedades de Gandarela de Basto, a sr.ª D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

— Partiu com sua filha para as suas propriedades de Airães (Douro), o nosso prezado amigo sr. Major António J. F. de Miranda.

— Em casa da família Penafort, de visita, tem estado mademoiselle Plautilla Amélia de Lima Moura e Sá, de Crestuma.

— Nas suas propriedades próximo desta cidade também tem estado a veranejar a sr.ª D. Veldemira dos Prazeres da Silva Penafort Basto.

— Com suas famílias estão a veranejar na Póvoa de Varzim os srs. Alberto Monteiro e José da Costa Coutinho, funcionário dos C. T. T.

— Partiu com sua família para a aldeia, o nosso bom amigo sr. António José da Costa.

— Regressou, com sua família, de Algueirão a Faro, o nosso prezado amigo sr. António José Ferreira.

Casamento

Consoiciaram-se na segunda-feira passada, no Santuário de S. Torcato, a sr.ª D. Maria Helena Marques Martins, filha da sr.ª D. Maria Ernestina Marques Guimarães e do sr. José Fernandes Martins, já falecido, e o nosso bom amigo sr. Júlio Fernandes Martins, filho da sr.ª D. Maria Fernandes Ribeiro e do sr. José Ribeiro Martins, de S. Torcato, tendo testemunhado o acto por parte da noiva sua mãe e seu irmão o sr. Manuel Joaquim Marques Fernandes Martins, e por parte do noivo seus pais.

Foi celebrante o tio do noivo o Rev. P.º José Fernandes Ribeiro, que proferiu uma brilhante alocução alusiva ao acto.

Serviram de caudatárias da noiva as meninas Isabel Ribeiro Portilha e Alcina Ferreira da Silva Guimarães, tendo conduzido as alianças a menina Eduarda Ferreira Guimarães.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Doentes

Têm passado doentes a sr.ª D. Marília Passos de Oliveira e o nosso amigo sr. Joaquim de Sousa Pinto.

— Continua a experimentar sensíveis melhoras a sr.ª D. Angela Correia Areias, esposa do nosso bom amigo sr. Luís Correia de Sousa Areias.

— Já se encontra quase restabelecido o nosso querido amigo sr. Prof. José de Pina.

— Da operação a que se submeteu, recentemente, no Porto, entrou em vias de restabelecimento o nosso prezado amigo sr. Adão Torcato Ribeiro de Almeida.

— Vai melhor dos seus incomodos o nosso bom amigo sr. Alberto Gomes Alves.

A todos os doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Falec. e Sufrágios

Ainda o funeral da sr.ª Viscondessa de Nespereira

Em complemento da notícia do nosso último número, damos a seguir algumas notas das representações no funeral da prentada senhora.

O sr. D. Duarte Nuno, Duque de Bragança, representado pelo sr. Conde de Campo-Belo; Sua Ex.ª Rev.ª o sr. Arcebispo Primaz, pelo Rev.º Arcipreste de Guimarães; o Governador Civil de Braga, pelo Presidente da Câmara Municipal de Guimarães; a Câmara Municipal de Guimarães e Vereação pelo seu Presidente; a Câmara Municipal de Braga e Vereação, pelo vereador dr. José Maria Ferreira de Araújo; a Faculdade Pontifícia de Braga, pelo Rev. Padre Roberto Sequeira da Silva; o Batalhão 13 da Legião Portuguesa, pelo seu Comandante; a Irmandade de Nossa Senhora da Penha, pelo seu Juiz, dr. João Rocha dos Santos; o sr. dr. Cunha Matos, pelo sr. José Mendes Ribeiro Júnior; o Rev. Monsenhor Cónego Manuel da Costa Azevedo, pelo Rev. dr. José de Jesus Ribeiro, Prior de S. Sebastião; o Juiz do Tribunal de Contas, dr. José Maria Braga da Cruz, pelo Rev. Padre António de Araújo Costa; o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Eng.º Alberto Ribeiro da Costa Guimarães, por seu tio sr. Alberto da Costa Guimarães; os srs. Condes de Paço Vitorino e da Carreira, por seu filho e sobrinho sr. Pedro de Azevedo Coutinho, (Paço Vitorino); o sr. Tenente-Coronel João Taborda Alves Pereira e o sr. Conde de Azevedo, por seu primo sr. Joaquim Luís Pinheiro de Azevedo; os srs. Francisco Campos e Castro (Carcavelos), Conselheiro Eduardo de Campos e Castro (Carcavelos), drs. Francisco e Alfredo de Campos e Castro, (Carcavelos), pelo sr. Conde de Carcavelos; o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, pelo sr. António Dias Pinto de Castro; o sr. Sebastião Santos da Cunha, por seu filho sr. Adolfo Santos da Cunha; os srs. Francisco Martins Fernandes Júnior e Camilo Laranjeiro dos Reis, pelo sr. Casimiro Martins Fernandes; o sr. João da Silva Martinho, por seu filho sr. José dos Santos Martinho; os srs. drs. António e António Pedro Pinto de Mesquita, pelo sr. dr. Simeão Pinto de Mesquita; a Rev.ª Madre

Maria da Saudade de Jesus Henriques de Azevedo, por sua irmã a sr.ª D. Maria de S. José Pinheiro de Azevedo; o sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, por seu filho sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira; o sr. dr. Alfredo Peixoto, pelo sr. José Gilberto Pereira; o sr. João de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, por seu filho o sr. João Rui de Moura Coutinho de Almeida d'Eça; o sr. Comendador Alberto Moreira de Matos, por seu filho sr. Alberto Jorge de Carvalho Moreira de Matos que também representava seu cunhado sr. Fernando Miranda de Magalhães Saigado; o sr. dr. Eduardo de Moura, representando sua esposa e filhos; o sr. Carlos Salazar, representando a sua família; o sr. Alvaro Martins (Ferra), representando a Gerência do Banco Nacional Ultramarino em Guimarães; o sr. João Teixeira de Aguiar, representando a Gerência da Auto-Mecânica Vimaranesense; o Rev. Padre António Alberto Ribeiro, representando a Direcção e Internados das Oficinas de S. José de Guimarães; o sr. António José Pereira Rodrigues, representando a Direcção do Asilo de Santa Estefânea e pela Casa Bento Santos Costa & C.ª; o sr. Antonino Dias Pinto de Castro, representando o jornal «Notícias de Guimarães»; o sr. Luís Gonzaga Pereira, representando os jornais «A Voz», «Novidades», «Correio do Minho», «Ordem» e «Diário da Manhã»; a sr.ª D. Matilde de Freitas Machado, representando «O Comércio de Guimarães».

— Conforme noticiámos, finou-se no penúltimo sábado, após cruciantes sofrimentos, o antigo impressor tipográfico sr. António de Castro Martins, que contava 77 anos de idade e era possuidor de excelentes dotes de educação e de trabalho.

O extinto era pai dos srs. José Martinho e Bernardo de Castro Martins, cunhado dos nossos amigos srs. António Ferreira de Macedo e Alberto Ferreira de Macedo, e sogro dos srs. Rodrigo Sérgio Gonçalves, Joaquim Rodrigues e Manuel dos Anjos, falecido.

Viveu os últimos dias da sua vida, já não podendo trabalhar por escassas de forças nem possuindo recursos para vencer dificuldades, em muito precárias circunstâncias.

Foi, todavia, um operário competente e cumpridor, que possuía a Comenda da Ordem do Mérito Profissional, que há anos lhe foi conferida pelo Governo da Nação, como prémio ao seu labor.

O seu funeral, em que tomaram parte muitas pessoas, antigos colegas, amigos, parentes e admiradores do saudoso extinto, efectuou-se no domingo de manhã para o cemitério Municipal.

Fez o caixão o sr. Abel Machado Faria, amigo do falecido.

Que descanse em paz e a todos os seus o nosso pesar.

Francisco D. Nogueira

Na sua residência, à rua da Ramada, finou-se esta senhora, viúva do saudoso mestre de obras sr. José de Freitas, mãe das sr.ªs

D. Maria, D. Adelaide, D. Ana, D. Maria Amélia, D. Aurélio e D. Rosa de Oliveira Freitas e do sr. António de Oliveira Freitas, sogra do sr. Fernando G. Coelho, e avó da sr.ª D. Celeste da Silva, esposa do sr. José António Rodrigues.

O seu funeral realizou-se na 2.ª-feira de manhã para o cemitério Municipal com numeroso acompanhamento.

Pêzames à família dorida.!

João Paulino de Oliveira Bastos

Após cruciantes sofrimentos finou-se na sua residência à rua de S. Dâmaso, o antigo empregado comercial sr. João Paulino de Oliveira Bastos, solteiro, de 68 anos de idade, tendo-se efectuado o seu funeral na 5.ª-feira para o cemitério Municipal com o acompanhamento de várias pessoas amigas.

Os nossos pêzames à família.

José Alves Pinto

Faleceu, repentinamente, na sexta-feira, em Angra do Heroísmo (Açores), onde desempenhava funções na base aérea, o nosso conterrâneo sargento sr. José Alves Pinto, irmão dos srs. Joaquim e Jacinto Alves Pinto.

Apresentamos-lhes condolências.

Vida Católica

Retor de S. Jorge de Selho

Altas individualidades do Pevidém e desta cidade trabalham no sentido do próximo regresso à sua freguesia de S. Jorge de Selho do Rev. Manuel Amorim Torres, que desempenhou com grande zelo apostólico o lugar de coadjutor da referida paróquia e que foi recentemente transferido para outra paróquia, deixando imensas saudades em Pevidém, onde era muito considerado pelos seus actos de benemerência para com os pobres e pelo elevado apurmo revelado no exercício do seu múnus sacerdotal.

Teatro Jordão

HOJE, N.º 15 E 21,30 HORAS

APRESENTA

Um filme esplendoroso com toda a beleza tropical!

CANÇÃO PAGÁ

com (Tecnicolor) Esther Williams e Howard Keel.

Um caudal de canções e bailados maravilhosos!

16.00-16.30, 23 -- N.º 21,30 HORAS

Filme e designar brevemente

QUINTA-FEIRA, 25 -- N.º 21,30 HORAS

O filme policial de maior emoção!

EU VI UM CRIME

com Ann Sheridan e Dennis O'Keefe.

Um filme empolgante e diferente, sobre um tema de profundo interesse humano!

SÁBADO, 27 -- N.º 21,30 HORAS

361 Em Sessão Popular

TARAKANOVA

Abriu na semana passada a

CASA CARLOS

Mercearia e Confeitaria

Rua da Rainha, 75 — GUIMARÃES

Um modelar estabelecimento que vai cumprir, honestamente, a sua missão de bem-servir.

A Casa Carlos está especializada em CHÁ e CAFÉ e MERCEARIA FINA.

Visite esta Casa.

Veja o seu grande sortido (na Rua da Rainha, em frente à Sapataria Vimaranesense).

Agora, na altura desta colina do ano de 1059, nós já vemos lá em baixo no vale, em nossa frente, desenhar-se a nossos olhos o novo burgo, em volta do Mosteiro, fundado por Mumadona. E sabemos que esse velho cenóbio de monges e de freiras — pois ainda o austero monge Hildebrando, embora com directa influência na obra de Nicolau II, então à cabeça da Igreja Romana, não assumira, sob a denominação de Gregório VII, o Pontificado, dos mais célebres na história do catolicismo, e em cuja obra se notavelmente salienta a severa defesa de celibato sacerdotal e da repressão dos costumes dissolutos das congregações monásticas — era poderoso e rico. Em seu testamento, Mumadona não só regularizara com sua filha Oneca, a quem, na partilha, coubera a vila vimaranes, a cedência desta para a fundação asceterial, como lhe deixara e aos mais seus filhos particularmente recomendada sua vigilância, cuidado e defesa da obra de piedosa devoção para refúgio das almas aflitas, preservação dos feios pecados e sujos costumes e amparo dos peregrinos e dos humildes. E por ter sido ouvido e escutado esse brado misericordioso, parentes e amigos não se demoraram em contribuir para a solidez e prosperidade crescente, e de facto, a esse tempo, notável, da vida claustral de Santa Maria de Vimaranes. «Já o Mosteiro estava em fartura de bens — escreve Alfredo Pimenta. Em 26 de Março de 953, já ele estava em tão boas condições que comprava a uma Flamula, religiosa, filha de Pelágio e Iberia, duas quintas — a de Vila do Conde e a de Quintanela.» Nós vimos já, através destas páginas, o desfiar de mais boas aquisições e, sobretudo, de importantes doações e testamentos. Prova de bem saliente evidência está no «ajuntamento de magnates no Mosteiro de Guimarães, para resolverem uma contenda travada entre Sisnando e Rosendo, Bispos de Santiago de Compostela, a-propósito de certas pesqueiras do Rio Tambre.» (Alfredo Pimenta — Guimarães — História, pág. 3). Vemos, pois, o «mosteiro dúplice, de arquitectura moçarabe... com sua basilica...» (Manuel Monteiro — O Românico Português — Sobrevivência Vimaranesense). Cerca dele, por força dos documentos, enxergamos também a albergaria ou pousada para os pobres, os peregrinos, as viúvas e os órfãos, consoante o voto de Ermegildo. Mas... A fantasia, digamos a fantasia, não é só pura imaginação, e nem todo o imaginar é delírio alucinatório, mas também reflecte, medita, raciocina. (Podemos confiar, com cegueira dogmática, o rigorismo da exactidão

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das Instituições municipais»

Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal

16)

Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

no *ipsis verbis* dos documentos, e não serão, tantas — tantas vezes, as palavras escritas mais leves e vãs que as falas enganadoras que o vento leva?) Ermegildo e Mumadona muito por certo — e não há prova alguma em contrário, ao menos do nosso conhecimento — viviam na vila de Vimaranes, de que eram donos. Temos até, em abono, a doação de Ranemiro da vizinha vila de crexemir. E, alem de Mumadona ser próxima parenta do rei de Leão, senhora de nobre estirpe, o casal era nobre e rico. Pela intervenção directa que Mumadona, mais do que uma vez, demonstra haver não só pelas obras de edificação como pela própria regra de vida cenobítica, a sua casa, ou Paço, — como então se dizia, pela influência do romano, devia ser, e natural (se não seguramente) era junto do Mosteiro — aquela «morada divina e habitação palaciana», «que os arquitectos de Cluni, ao serviço do Conde D. Henrique, reconstruíram sob os seus auspícios» (Manuel Monteiro, obra cit., pág. 6 e 8). A igreja era assim também para Mumadona como a capela do seu paço condal — daí a riqueza de vestimentas e alfaias, com que a dotou. E tinha, por certo, à moda do tempo, a sua pequena côrte — os parentes, os amigos, os instrutores e mestres dos seus filhos, os escreventes e notários, os fâmulos de várias categorias, e os homens de armas — pois a dádiva de livros que faz ao Mosteiro, em seu testamento, revela também que era ilustrada e culta. Era assim uma pequena côrte, mas uma pequena côrte bem marcada pela sua categoria. Aqueles próprios documentos, de que extrairmos a síntese para coordenação dos bens sítos no termo, nos revela a assistência ou presença no burgo de pessoas de elevada posição social. O povoamento do burgo e o seu rápido evoluir tinha dois fermentadores activos — o que pro-

vinha natural e espontaneamente da vida espiritual, dimanada do Mosteiro, cuja fama perdurou e veio a doirar as primeiras páginas da nossa história, e o adveniente da vida senhoril: dos magnates do paço, das primeiras figuras do Mosteiro. Insisto: reparando atentamente no desfilar das personagens, nas linhas daqueles documentos, vemos, de perto e mais achegados à realidade, como se esboça muito nitida a importância do burgo primitivo. São actividades que se prendem e ligam umas às outras. Aquela gente não vivia só a rezar dentro da igreja — comia, vestia-se, passeava, distraía-se, conversava, instruíam-se... Além do cavador e agrícola, é o pedreiro, o canteiro, o carpinteiro, o almocreve, o magarefe, o mesteiral: e o artista, o músico, o cantor, o mestre...

Mas eis que dalém, nas bandas do futuro, entre poeira aureolada a carmim e oiro, vemos avançar em tropel, garbosa e altiva, uma armada de cavaleiros. Quem vem lá é o Conde D. Henrique, da Casa de Borgonha, como neto do ardente e impetuoso Duque, já casado com D. Tareja, filha do Rei D. Afonso VI. E' aqui, é esta vila de vimaranes, que no burgo de Mumadona se transformara, que ele escolhe para sede, ou centro, ou paço, ao tornar ou para tornar efectivo o seu apossamento do condado, recebido como dote, ou como dote assumido, vitalício apenas, como usufruto, ou hereditário como propriedade. Mero acaso também? Não o desmente, ao acaso, a segura evidência dos factos? Não estaria bem indicado o burgo, estrategicamente e politicamente, para centro e irradiação do seu génio aventureiro e do seu ânimo ambicioso e sagaz? Não lhe ensinara o Mosteiro de Cluny, cuja fundação andava ligada à sua família, como obra de Guilherme, Duque de Aquitania, a força espiritual do acolhimento junto à igreja? Não o seduziria o prestígio do burgo, ainda iluminado pela côrte de Mumadona, e aos nobres guerreiros e trovadores que o acompanhavam? Não era certo que as terras e bens do Mosteiro de Guimarães constituíam já em si um forte e rico condado, *in terram portugale, desde parte minei até além de interdurio et colimbrie prope flumen vauga*, em condições singulares de profundidade e extensão? A lógica sucessão e o conexo relacionamento de todos estes factos, repulsa o simples acaso.

Mas é tempo de voltarmos às Inquirições de 1220...

Continua.

VAMOS MATUTAR!

NOTÍCIAS DE GUIMARAES N.º 14

Direcção de: Jaime dos Santos Ribeiro Dias (JARIDI)
Correspondência para Cubo - Vieira do Minho

CHARADISMO — RECREIO — PALAVRAS CRUZADAS

Iniciemos as adivinhas...

Segundo o meu parecer, reputo as adivinhas como uma das mais proveitosas modalidades de decifração, tanto pela série de operações mentais a que obriga — quer ao portador, quer ao solucionista — como pela oportunidade valiosa que nos dá da expressão de conceitos morais elevados. Todavia, pelo grande número de adivinhas já conhecidas e que correm em voga de boca em boca, requere-se muito cuidado na sua elaboração, para que não se caia no detestável plágio a que essa popularização de adivinhas pode conduzir inadvertidamente o produtor.

Iniciaremos neste número a publicação de adivinhas, em prosa e em verso, originais. Espero da parte dos nossos leitores edipistas o máximo de interesse e colaboração. Fico aguardando.

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

(Dedico a «Rijo» — Braga)

Horizontais: 1) Aerostato, em que Bartolomeu de Gusmão empreendeu a primeira viagem pelas alturas. 2) Fileira; rio português que desemboca em Setúbal. 3) Rouba; grande multidão; batráquilo. 4) Anuir. 5) Suíço designativo de profissão; estancar. 6) Retro; compreende. 7) Afroixa. 8) Presenteia; nome de letra; peça. 9) Colocará; 504. 10) Moça que está na idade de casar.

Verticais: 1) Padroado. 2) Lá; montão. 3) Cura; aqui; instrumento agrícola. 4) Pequeno (pl.). 5) Campeão; sobrecarrega. 6) Secções; prefixo. 7) Cheiro (pl.). 8) O lado do vento (naut.); 200; maquina. 9) Verdadeiro; caçoar. 10) Suportava.

Hieroglifo comprimido

R TO

(Obs.) A palavra que serve de solução a este problema é substituída por 7 letras.

«O Infeliz» — Póvoa de Lanhoso

Adivinha

Que é, que é?
Redondinho, redondão,
Ou em folha: perdição
Deste mundo toleirão.

«Jaridi»

Soluções do n.º 13 — PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1) Encapelada. 2) Nó; raios; t. 3) T; ais; a; lé. 4) Remeti; mor. 5) Acetona; Ur. 6) Ró; escreva. 7) len; alisas. 8) E's; o; ida; s. 9) I; ádito; vé. 10) Superasses.

CHARADA AFERÉTICA: arisco → risco.

HIEROGLIFO COMPRIMIDO: estima.

CHARADA COMBINADA: mocidade.

Errata—No número 13 desta secção faltou, na charada combinada, o conceito que era «juventude». Rogamos aos srs. solucionistas que nos perdoem a falta.

Internato anexo ao Liceu de Guimarães

O Internato Liceal mais antigo, amplo e higiénico
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA

Os alunos são matriculados no Liceu, no mesmo edificio
ADMISSÃO AOS LICEUS Pensão anual, 4.000\$00

DIRECTOR.

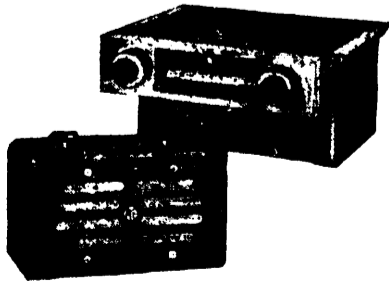
P.º José Carlos Simões Veloso de Almeida



Rádio-Receptores Ingleses

de suprema qualidade

Modelos de Mesa
Radiogramofones
Portáteis de Mala
Modelos para bateria
e para Automóvel



DISTRIBUIDORES GERAIS NO NORTE:

ELECTRÓNIA, L.º

R. de Santo António, 71 — Porto — Tel. 25800

AGENTE EM GUIMARAES:

JOÃO DA COSTA

Técnico de Rádio graduado pela NATIONAL SCHOOLS
CONCEIÇÃO TELEFONE, 40322

CURIOSIDADES

Em qualquer parte aparecem pessoas que, olhando apenas para si e pondo de parte a consideração que devem ter pelos outros, se sujeitam a desaires de toda a espécie, seja aonde for.

Assim aconteceu a certo indivíduo que pretendeu exhibir os seus gracejos — aliás, sem graça alguma, no caso presente — perante uma galante rapariga que tinha perto de si quem respondesse ao palavrado adocicado do tal menino bonito. Mas, para melhor se ver como o caso se passou, só lendo a notícia seguinte:

«MODAS E MODOS DO CHIADO...»

Um destes dias, uma linda rapariga, trajando modernamente, com um destes vestidos de tecido de cor amarela, com grandes gaiolas estampadas, estava parada junto de uma montra no Chiado, quando dela se aproximou um rapazola, de cabeleira ondeada, destes que supõem ser muito engraçados... Acercou-se o jovem galã, e apontando as gaiolas estampadas no tecido, inquiriu com voz adocicada: — Então e os passarinhos?!... Onde estão os passarinhos?!...

Nesta altura, saiu da porta do estabelecimento um homem, que devia ser irmão ou noivo da rapariga, estampando um par de bofetadas na cara do graduado galã, e dizendo-lhe: — Aqui tem os passarinhos! E se quiser mais, é só dizer...

Na verdade, foi sempre perigoso graçar com as pessoas que não conhecemos...

Pelo que se vê, em vez dos passarinhos, cujo paradeiro o rapazola desejava descobrir, apareceu um passarão que lhe pagou em moeda corrente o seu atrevimento de se dirigir, com ares petulantes, a quem não conhecia. Geralmente, é assim que acontece a quem não mede as distâncias nem respeita as normas da boa educação!

CARACOL.

O horário de combóios e automotoras

Já aqui nos referimos ao facto de serem insuficientes os meios de transporte entre esta cidade e a Vila de Vizela, o que se verifica a miúdo, principalmente aos sábados e domingos e no verão.

Faz imensa falta um combóio ou automotora partindo de Guimarães por volta das 9 horas e outro às 15, com regresso às 11 e às 19, para quem necessita de ir aquelas Termas.

Não é, contudo, uma automotora de 35 ou 40 lugares que resolve o problema, satisfazendo o público por vezes desejoso de um meio de transporte para aquele aprazível lugar, o qual por ora se limita a pedir providências.

O que acima se diz facilmente se pode provar.

Estamos já a caminho da época do inverno e mantem-se, tal como no verão, o horário das automotoras e combóios, o que não faz sentido porquanto verifica-se que para ir ao Porto de combóio, não obstante aquela cidade distar desta apenas 60 quilómetros, se terá de utilizar do combóio das 7,25 (que sai já de noite), passando o sacrifício de uma viagem de 2 horas e tanto.

Já não estamos em tempo de viajar tão vagorosamente. Não deveria ser preciso sair de Guimarães antes das 8 horas chegar ao Porto depois das 9,45. Já era tempo bastante para a caminhada...

Quando ao regresso à noite também não satisfaz o horário actual, em combóio que chega às 20,50 — mas sempre atrasado! — tardíssimo portanto em época de inverno.

Tal comboio sai do Porto às 19,5, mas se saísse mais cedo 45 minutos pelo menos, chegaria ao destino com a

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 5 de Setembro

Sob a Presidência do Secretário sr. Manuel Alves de Oliveira, servindo de Provedor, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

O sr. Secretário propôs que fosse exarado na acta desta sessão um voto de profundo pesar pelo falecimento da sr.ª D. Olinda Amélia de Oliveira Ribeiro, sobrinha do sr. Antão de Lencastre, Tesoureiro desta Misericórdia.

O sr. Antão de Lencastre agradeceu, sensibilizado, a prova de estima que os seus colegas para com ele tiveram neste doloroso transe.

A Mesa tomou conhecimento de um ofício da Câmara Municipal de Braga a pedir o internamento da doente Maria Carlota da Silva Antunes, daquele concelho, a fim de ser submetida a uma intervenção cirúrgica torácica por tuberculose pulmonar, que foi autorizado mediante a apresentação do termo de responsabilidade passado por aquela Câmara pelas despesas de tratamento, internamento e intervenções cirúrgicas que se tornarem necessárias.

Concedeu ao amanuense da Secretaria, sr. Manuel Dias Ribeiro, dez dias de licença, conforme o seu requerimento.

Aprovou o balancete do cofre, apresentado pelo sr. Tesoureiro e verificou o cumprimento de todos os legados.

O sr. Tesoureiro comunicou que pela sr.ª D. Gracinda da Silva Fernandes, de Ronte, foi entregue a importância de 1.000\$00, referente ao legado deixado pelo benfeitor, Fernando Francisco Fernandes.

Foram registados, com muito reconhecimento os seguintes donativos:

Do Rev. Pároco da freguesia de S. Romão de Mesão-Frio, 24 colmeiros de palha, e do Rev. Pároco da freguesia de S. Paio de Vizela e Gémeos, 21 colmeiros de palha.

GRANDE EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO

SÃO PAULO (Vaz Dias) — A grande cidade brasileira de São Paulo, fundada há 400 anos pelos padres Jesuítas e que constitui uma das mais arrojadas realizações do homem no Novo Mundo, vai comemorar, no ano de 1954, o IV Centenário da sua fundação. Dentre as numerosas comemorações sobressai a realização da Exposição-Feira Internacional de São Paulo.

Localizar-se-á no Parque Ibirapuera, bem próximo do centro comercial da cidade, dispondo de grandes facilidades de comunicações e transportes.

Em linhas simétricas se localizarão os pavilhões destinados aos expositores nacionais e estrangeiros. A indústria pesada apresentará suas máquinas em pleno funcionamento. O conjunto tem uma vasta área, superior a 1 milhão e meio de metros quadrados.

Haverá também um programa artístico e cultural do mais alto alcance, não faltando espectáculos de «ballet» e apresentação do teatro dramático português, italiano, francês, inglês, etc., ao lado dos principais conjuntos nacionais.

A. CARLOS LIMA

Ex-Assistente da Faculdade de Direito de Lisboa
ADVOGADO
354 Rua de Camões n.º 88
GUIMARAES
Abertura do escritório em 17 de Outubro de 1952

mesma antecedência. Alvitramos que se experimente o horário que o público desejaria, com uma automotora directa, que poderia no dia imediato partir de Guimarães depois das 8 horas.

Parece-nos muito acertada a opinião que nos foi apresentada e deste modo aqui deixamos ao estudo criterioso da C. P., que sempre tem procurado atender o público nas suas justas pretensões.

Colégio de N. Senhora da Conceição

CAMPO DA FEIRA

PARA MENINAS

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA

Dirigido por RELIGIOSAS FRANCISCANAS

Educação familiar esmerada • Os melhores resultados nos exames oficiais • PREÇOS MÓDICOS

NOTA — Este Colégio é propriedade da Irmandade dos Santos Passos e os saldos são a sustentação do seu Asilo.

A Trosilina «BAYER»

é recomendada pelos Serviços Pecuários para tratamentos e desinfecções contra

FEBRE AFTOSA E PESTE PORCINA

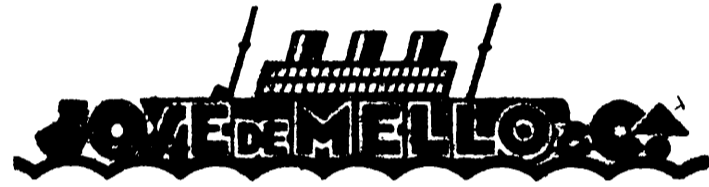
está à venda nos grémios da lavoura, nas boas farmácias, drogarias e casas especializadas

Distribuidores na Província do Minho

Campos Ferreira & Machado, L.º
BRAGA

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Romaria de S. Mateus «SOCIEDADE AGRÍCOLA DE SUMES MANUEL RIBEIRO DA CUNHA, LI.º»

Na forma dos demais anos, realiza-se, no próximo domingo, na freguesia de Gonça, a tradicional Romaria de S. Mateus, que costuma ser muito concorrida e animada, sendo abrilhantada por filarmónicas e havendo solenidades religiosas e arraial.

BODAS DE PRATA

Festejaram no dia 18, as suas Bodas de Prata matrimoniais, o nosso bom amigo sr. Gualter Ribeiro Dias, conceituado comerciante e a sr.ª D. Ana América Vaz de Moura. As nossas felicitações e votos de muitas prosperidades.

Falta de mictórios públicos

Faz-se sentir a grande falta de um mictório no largo da Condessa do Juncal, onde se realiza todos os sábados o costumado mercado de cereais e diariamente a feira do leite, pois que na falta deste, as pessoas se vêem na necessidade de fazer uso da entrada do chamado corredor da Misericórdia, pela parte do dito largo, causando má impressão a quem por ali tem de passar, tendo de tapar o nariz com o lenço, tal o cheiro desagradável que se sente. Pedem-se providências!

Caldeira

Vende-se uma caldeira para gerar vapor, podendo servir para alimentar uma estufa, produzir vapor para tinturaria, branqueação ou calandra.

Quem pretender queira dirigir-se à Fábrica de Curtumes de António José de Oliveira, Filhos, rua de Vila Flor — Guimarães, onde se encontra para ser examinada.

Por escritura de 27 de Agosto de 1952, lavrada pelo notário da Secretaria Notarial da Póvoa de Varzim licenciado José Alberto da Veiga Leite Pinto Coelho, foi alterado o parágrafo único do artigo oitavo do pacto desta sociedade, por forma a ficar com a seguinte redacção:

«Parágrafo único — Nos actos e documentos que envolvam responsabilidade para a sociedade, é necessária e suficiente a assinatura do sócio Manuel Ribeiro da Cunha, para que ela fique obrigada».

Póvoa de Varzim, 29 de Agosto de 1952.

O Notário, 347

José Alberto da Veiga Leite Pinto Coelho.

Ofertas e Procuraas

Vende-se Terreno para edificações. Moto-bomba «Bernard» 2 H. Moto D K W com demarreur. Preços muito acessíveis. (Informa esta Redacção). 546

VENDE-SE 1 prédio, com água, luz, garagem, lojas e quintal, na Rua da Caldeirôa n.º 55 e 57. Falar nestes números. — Guimarães. 505

QUARTO

Aceitam-se meninas do liceu em casa de família respeitável. Informa esta redacção. 500

TIPOGRAFIA «IDEAL»

Trabalhos em todos os géneros

TELEFONE, 4881 GUIMARAES